

JO BAKER

As sombras de Longbourn

Tradução

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Jo Baker

Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Longbourn

Capa

Carol Devine Carson

Foto de capa

Capa feita a partir da pintura de Jean-Étienne Liotard. Coleção privada.

Copyright da fotografia © Christie's Images/ The Bridgeman Art Library

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Angela das Neves

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baker, Jo

As sombras de Longbourn / Jo Baker ; tradução Donaldson M. Garschagen. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Longbourn.

ISBN 978-85-359-2396-4

1. Ficção inglesa I. Título.

14-00700

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Livro Um, 11

Livro Dois, 125

Livro Três, 291

Finis, 437

Nota da autora, 447

Agradecimentos, 449

1.

O mordomo, [...] a senhora Hill e as duas empregadas [...]

Não havia como usar roupas sem que estivessem lavadas, da mesma forma como não se podia viver sem roupas, ao menos em Hertfordshire e, sobretudo, em setembro. O dia de lavar roupa era inadiável, mas ainda assim a lavagem semanal da roupa de cama e mesa da casa era uma perspectiva desalentadora para Sarah.

O ar estava gélido às quatro e meia da manhã, quando ela começou a trabalhar. O cabo da bomba, de ferro, estava frio e, apesar das luvas, os eritemas lhe queimavam com o esforço de bombear a água da escuridão subterrânea para o balde. Seria um longo dia de labuta, e aquilo era só o começo.

Tudo o mais era quietude. Na encosta, os carneiros aconchegavam-se em grupos; nas sebes, pássaros arripiavam-se como cardos lanosos; nos bosques, folhas caídas farfalhavam à passagem de um porco-espinho; o regato refletia a luz baça do céu e reluzia ao transpor as pedras. Lá embaixo, no estábulo, as vacas bafejavam

nuvens de tênues exalações; e, na pocilga, a porca estremecia, com as crias agarradas à barriga. Lá no alto, em seu minúsculo sótão, a sra. Hill e seu marido dormiam o sono negro e sem sonhos da extrema fadiga; dois andares abaixo, no quarto principal, o sr. e a sra. Bennet lembravam, debaixo da colcha, um par de montículos de cemitério. Dormindo em suas camas, as cinco moças sonhavam seja lá o que as moças sonham. Sobre tudo isso, fulgia a gélida luz estelar. Fulgia sobre os telhados de ardósia, o pátio lajeado, a casinha da sentina, o arboreto, a pequena área inculta ao lado do relvado, sobre os bandos de faisões encolhidos. E fulgia sobre Sarah, uma das duas criadas de Longbourn, que acionou a bomba, encheu um balde, rolou-o de lado, com as palmas das mãos já feridas, e pôs outro balde sob a bomba para enchê-lo também.

Para os lados das colinas, a leste, o céu desmaiava, ganhando uma transparente tonalidade azulada. Erguendo o olhar, com os braços dobrados, as mãos enfiadas nas axilas e a respiração condensando-se no ar, Sarah sonhava com lugares desconhecidos além do horizonte, onde já era dia pleno, e pensava que, quando seu dia de trabalho terminasse, o sol ainda estaria brilhando em outros lugares, em Barbados, em Antígua e na Jamaica, onde homens escuros trabalhavam seminus, e nas Américas, onde os índios quase não usavam roupa, e onde, em consequência, lavava-se muito pouca roupa. Um dia ela viajaria para lá e nunca mais teria de lavar a roupa de baixo de outras pessoas.

Prendendo os baldes na canga, metendo-se debaixo dela e se levantando com esforço, ela pensou que, na verdade, ninguém deveria ter de cuidar da roupa suja alheia. As moças da casa podiam se comportar como se fossem, debaixo das roupas, secas e impermeáveis como estátuas de alabastro. No entanto, depois que deixavam cair as combinações no chão do quarto, para serem catadas e lavadas, mostravam ser as criaturas frágeis,

corpóreas, gotejantes e bifurcadas que realmente eram. Talvez fosse por isso que quando elas lhe davam instruções faziam-no por trás de um bastidor de bordado ou por trás de um livro: ela esfregara seus suores, suas manchas, seus fluxos mensais. Sabia que não eram etéreas como anjos, por isso não tinham coragem de olhá-la nos olhos.

Sarah voltou com cuidado pelo pátio resvaladiço, e os baldes derramavam um pouco da água. Já se aproximava da porta da área de serviço, quando escorregou e perdeu o equilíbrio. Foi como se aquele momento se estendesse, dando-lhe tempo suficiente para ver os baldes saindo da canga, subindo ao ar e se esvaziando, pondo a perder todo o seu trabalho. Também teve tempo para prever, quando caiu, que aquilo doeria. Os baldes bateram no chão junto com ela, e repicaram, com uma barulheira que sobressaltou as gralhas que crocitavam nas faias. Sarah caiu com força no piso de lajes. O olfato confirmou o que ela já pressentia: escorregara em excremento de porco. A porca saíra da pocilga na véspera, com os porquinhos a segui-la, e ninguém ainda limpara as sujidades que tinham deixado, ninguém tivera tempo para isso. O trabalho de cada dia se prolongava até o dia seguinte, nada era finalizado, de modo que nunca se podia dizer “Pronto, o trabalho de hoje acabou”. A labuta se espichava, apodrecia e ficava de tocaia, para fazer a pessoa escorregar de manhã.

Depois do desjejum, no calor da cozinha, com as pernas dobradas sob o corpo, Lydia provou seu leite açucarado e queixou-se à sra. Hill.

“Você não sabe a sorte que tem, Hill. Protegida aqui, nesse calorzinho e no bem-bom.”

“Acha mesmo, srta. Lyddie?”

“Ah, e como acho! Não é verdade que você faz o que quer, sem ninguém a atazaná-la e a lhe dar ordens a cada instante? Deus do céu! Não suporto mais essa coisa de Jane me pregar sermões sem parar... E eu estava só me divertindo um pouco...”

No cômodo ao lado, na área de serviço e lavanderia, para onde se descia por um degrau, Sarah debruçava-se sobre a tábua de lavar, esfregando uma batinha manchada. A anágua estava toda suja de lama quando ela a pegou no chão do quarto das moças mais velhas e já tinha passado uma noite de molho na lixívia. O sabão não estava tirando a nódoa, mas feria suas mãos, já sulcadas, rachadas e eritematosas, provocando agulhoadas. Se Elizabeth lavasse suas próprias anáguas, pensava Sarah com frequência, com certeza teria muito mais cuidado com elas.

Uma carga de roupas de cama fervia no tacho de cobre fumegante. Diante de Sarah, gotas escorriam pela janela embaçada. O piso de pedra era escuro e escorregadio e Sarah passou do estrado de segurança no chão, diante das pias de ardósia, para o que ficava diante do tacho. Estendeu a anágua na água cinzenta e fervente, usou o pau de lavagem para mergulhar a peça no líquido, retirando as bolhas de ar, e depois mexeu-a de um lado para o outro. Tinham-lhe dito, e por isso ela precisava acreditar, que ao lavar uma anágua era necessário deixá-la bem branquinha, ainda que ela fosse ficar suja de novo assim que voltasse a ser usada.

Polly estava com os braços metidos até os cotovelos na pia de água fria, passando os colarinhos do sr. Bennet na água de enxágue, de onde depois os tiraria, um por um, para mergulhá-los na bacia de água de arroz, a fim de engomá-los.

“Sarah, quanto tempo você acha que ainda vamos levar?”

Sarah olhou em torno, avaliadora. Tinas de lençóis e toalhas de molho; pilhas de peças molhadas em várias etapas de lavagem. Em algumas casas, as criadas contavam com ajuda no

dia da lavagem de roupa. Mas ali, não. Ah, não. Na Casa Longbourn, se lavava a própria roupa suja.

“Bem, temos os lençóis, as fronhas e também nossas próprias combinações...”

Polly enxugou as mãos no avental e começou a contar nos dedos as tarefas a cumprir, mas então percebeu, impressionada, que suas mãos estavam muito vermelhas. Franziu a testa, virando-as e examinando-as como se as visse com interesse mas não fizessem parte dela. Deviam estar bastante dormentes, ao menos naquele momento.

“Eu me esqueci das toalhinhas”, acrescentou Sarah.

Passara, havia pouco tempo, aquela época infeliz do mês em que todas as mulheres da casa tinham estado mais irritadiças que de costume, nervosas e inclinadas às lágrimas, antes da menstruação. As toalhinhas estavam agora submersas numa tina separada, que exalava um cheiro repulsivo de açougue. Seriam fervidas por último, na borra do tacho de cobre, antes de ele ser esvaziado.

“Acho que precisamos dar conta de mais cinco pilhas.”

Sarah bufou e deu um puxão na costura sob o braço. Já sua ra e seu vestido estava úmido, o que ela detestava. Era um vestido de popelina que a sra. Hill chamava de *Eau de Nil*, embora Sarah sempre pensasse em *Eau de bile*. A cor desagradável, em si, não tinha importância, uma vez que ninguém a via usando aquela roupa, mas seu corte realmente incomodava. O vestido fora feito para Mary e se destinava a braços macios e claros, para trabalhos de agulha, para o piano. Não resistia aos movimentos e esforços de um trabalho árduo, e Sarah só o usava agora porque seu outro vestido, o de droquete cor de rato, tinha sido esfregado e lavado e ainda estava com manchas de umidade, pendurado na corda ao ar livre para perder o fedor de porco.

“Em seguida ponha de molho as combinações”, disse ela. “Mexe um pouco que eu esfrego.”

Poupe suas pobres mãozinhas, pensou Sarah, embora as suas já estivessem vermelhas. Saiu do estrado junto ao tacho de cobre para os estrados das pias, espremendo-se um pouco para deixar Polly passar. Em seguida, usando as tenazes da lavanderia, tirou um colarinho da goma e ficou observando as gotas gelatinosas que escorriam de volta para a tina.

Mexendo no tacho com o bastão, Polly repuxou o lábio inferior com as unhas. Estava aborrecida e ainda tinha os olhos inchados pelo carão que levava da sra. Hill por causa do estado do pátio. De manhãzinha ela tivera de acender os fogos, depois levar a água para cima e, além disso, o almoço de domingo estava sendo preparado. Depois tinham comido, e logo o dia escurecera, e quem pode sair catando sujeiras de porco à noite? De qualquer forma, não tinha de lavar e polir as panelas? As pontas de seus dedos já estavam estragadas de tanto ela mexer com areia. E, pensando bem, a culpa não era de quem tinha deixado a tranca do portão da pocilga meio solta? Bastara um bom empurrão com o focinho para a porca escancará-lo. O fato é que não era a coitada da Polly, exausta, que merecia ser repreendida pela queda e pelo trabalho perdido de Sarah (Polly olhou em torno e baixou a voz para que o velho não a escutasse), e sim o próprio sr. Hill, que era o encarregado de cuidar dos porcos. Não era ele que devia ser obrigado a limpar a sujeira? Afinal, qual era a serventia daquele velho esmolambado? Onde é que estava quando precisavam dele? Realmente, bem que precisavam mesmo de mais duas mãos, não era o que viviam dizendo?

Sarah ficou assentindo com a cabeça e fazendo sons de anuência, embora tivesse parado de prestar atenção havia muito tempo.

Quando o relógio da sala deu quatro horas, o sr. e a sra. Hill

estavam servindo à família, na sala de jantar, uma refeição fria, habitual no dia da lavagem de roupa — as sobras do assado do domingo —, e as duas criadas se achavam no cercado, pendurando a roupa lavada, os tecidos úmidos soltando vapor na tarde fria. Um dos eritemas de Sarah tinha rachado com o trabalho e exsudava. Ela o levou à boca e sugou o sangue, para que não manchasse a roupa lavada. Por um instante, atentou a várias sensações — a língua quente na pele fria, a comichão do eritema, o sangue salgado, os lábios cálidos —, de forma que na verdade não estava olhando, e podia ter-se enganado, mas julgou ter visto um movimento no caminho que corria pela encosta. Era o caminho que ligava a velha estrada de Londres, usada pelos tropeiros de gado, à aldeia de Longbourn e, mais além, à nova estrada com pedágio que levava a Meryton.

“Olhe, Polly... Você viu?”

Polly pegou um pregador de roupa preso nos dentes, colocou-o na camisa estendida na corda e só então se virou para olhar.

O caminho passava entre duas sebes antigas. Bandos de aves e rebanhos transitavam por ali depois de percorrer o longo trajeto desde o Norte. Ouviam-se os sons dos animais antes mesmo de vê-los, um zumbido grave e ainda distante de bovinos, os grunhidos irritados de gansos e os potrinhos chamando as mães, que tinham ficado para trás. Ao passarem diante da casa, eram como a neve — transformadores. E também passavam por ali homens do interior do país, com sotaques estranhos, homens que antes mesmo de serem vistos direito já tinham ido embora.

“Não estou vendo ninguém, Sarah.”

“Não, mas olhe...”

O único movimento era o dos pássaros que saltitavam junto à sebe, mordiscando bagas. Polly virou o rosto, arrastando o pé descalço no chão seco e fazendo rolar uma pedra. Sarah continuou olhando por mais algum tempo. A sebe se adensara com

folhas de faia, cor de chá, o azevinho parecia quase negro ao sol já baixo e os galhos das aveleiras mostravam-se nus nos trechos recém-plantados.

“Nada.”

“Mas havia alguém.”

“Bem, se havia já sumiu.”

Polly pegou a pedra e arremessou-a, como para provar o que dizia. A pedra descreveu um arco e caiu bem longe do caminho, mas por alguma razão deu a impressão de decidir a questão.

“Ah, então...”

Com um pregador na mão e outro nos dentes, Sarah prendeu mais uma combinação na corda, ainda olhando naquela direção. Talvez tivesse sido um efeito de luz ou do vapor que subia no sol baixo de outono. Ou, quem sabe, Polly estava certa afinal... Então parou, protegendo os olhos, e lá estava a pessoa de novo, mais adiantada no caminho, passando por trás de um trecho de sebe recém-plantada. Lá estava *ele*. Era um homem, teve certeza: um vulto visto de relance, cinzento e negro, com o jeito de andar de alguém habituado a percorrer grandes distâncias. Ela tirou o pregador da boca, fazendo um gesto com as mãos.

“Lá, Polly, está vendo agora? Deve ser um mascate escocês.”

Polly emitiu um suspiro de impaciência, rolou os olhos para o céu, mas se virou de novo para olhar.

E ele sumiu atrás de uma moita fechada de abrunheiro. No entanto, agora havia outra coisa. Sarah quase a ouvia. Um som vacilante, como se o homem — o escocês que ele devia ser, com seu bastão, talhado com as marcas de suas contas, e uma mochila cheia de bobagens e quinquilharias — estivesse assobiando. Um som leve e estranho que parecia vir do outro lado do mundo.

“Está ouvindo, Pol?” Sarah ergueu a mão avermelhada para pedir silêncio.

Polly deu meia-volta e encarou-a. “Não me chame de Pol, você sabe que eu não gosto.”

“Psiu!”

Polly bateu o pé. “Foi só por causa da srta. Mary que eu acabei sendo chamada de Polly.”

“Por favor, Polly!”

“Só porque ela é filha da casa, e eu não, ela é chamada de Mary e eu tive de passar a ser Polly. Mas meu nome de batismo também é Mary.”

Ainda olhando para o caminho, Sarah estalou a língua e fez um gesto para que ela parasse de falar. Conhecia bem demais as explosões de Polly, mas aquilo era uma novidade: um homem que seguia pela estrada com uma mochila nas costas e uma melodia nos lábios. Quando a senhora e suas filhas terminassem de ver as mercadorias dele, o homem entraria na cozinha para vender suas bugigangas baratas. Ah, se ela tivesse uma roupa melhor para vestir! Nem adiantava pensar em seu vestido de droguete, pois era tão feio quanto sua *Eau de bile*. Mas baladas e livretos de histórias, fitas e botões, e braceletes folheados que deixavam o braço verde em duas semanas — ah, que felicidade era um escocês naquele fim de mundo, naquele lugar em que nada acontecia!

Como o caminho desaparecia atrás da casa e não seria mais possível ver ou ouvir alguém passando por ali, ela acabou de pendurar a combinação, pegou a seguinte e pendurou-a também, com um desajeitamento causado pela pressa.

“Vamos, Polly, acabe logo com isso, por favor.”

No entanto, Polly correu para o cercado, encostou-se na mureta e ficou conversando com os cavalos que pastavam soltos no campo. Sarah viu-a remexer no bolso do avental e lhes oferecer guloseimas; Polly acariciou o focinho deles por algum tempo, enquanto Sarah continuou trabalhando. Em seguida, Polly

encarapitou-se na mureta e ficou ali, batendo os calcanhares, de cabeça baixa, olhos semicerrados contra o sol. Ela passa metade do tempo, pensou Sarah, como se fadas estivessem sussurrando em seus ouvidos.

E com pena de Polly, pois o dia da lavagem de roupa é mesmo fatigante se a pessoa ainda está crescendo e se não consegue se conformar com a labuta, Sarah terminou sozinha o trabalho e, sem repreender Polly, deixou que ela se afastasse para ir se ocupar do que quisesse, como atirar gravetos no ribeirão ou juntar castanhas de faias.

Quando Sarah saiu do cercado com o último cesto de roupa vazio, já escurecia e ainda era preciso limpar o pátio. Derramou nele a água cinzenta das tinas e deixou que a lixívia atuasse nas lajes.

Pesava sobre a sra. Hill a irritação do dia da lavagem. Ela passara o dia todo sozinha, à mercê das sinetas: os Bennet faziam poucas concessões ao fato de ela não dispor de ajuda enquanto as criadas se ocupavam da lavagem de roupa.

Depois de limpar a área de serviço, Sarah entrou em casa, exausta, com as mãos feridas, as costas doloridas e os braços rígidos. A sra. Hill servia o jantar da criadagem. Bateu com força na mesa uma terrina de queijo de porco, uma gelatina fria, e fitou Sarah como se dissesse *Abandone-me, e é isto que você tem em troca. Você só pode culpar a si mesma*. A iguaria em conserva de vinagre tinha uma tonalidade rosa-acinzentada. Era um prato fácil quando não se pretendia cozinhar. Sarah olhou-o com asco.

O sr. Hill entrou como se não quisesse dar na vista. Atrás dele, no pátio, Sarah viu de relance um dos trabalhadores da fazenda contígua ajeitar o lenço ao redor do pescoço e erguer a mão, despedindo-se. O sr. Hill dirigiu-lhe um aceno de cabeça

e fechou a porta. Enxugou as mãos na calça, explorando com a língua um dente que o incomodava. Sentou-se. A terrina com a cabeça de porco balançou na mesa quando a sra. Hill começou a cortar o pão.

Sarah entrou na despensa, pegou o pote de mostarda e o jarro de pedra com nozes em conserva, além da manteiga-negra e da raiz-forte, e levou para a mesa da cozinha essa braçada de condimentos, dispendo-os ao lado do sal e da manteiga. Suas mãos começavam a recuperar a sensibilidade, mas os eritemas eram um tormento. Ela os esfregou, roçando o dorso de uma das mãos contra o outro. A sra. Hill olhou-a com desagrado e balançou a cabeça. Sarah sentou-se em cima das mãos, o que lhe trouxe certo alívio. A sra. Hill tinha razão, coçar só pioraria as coisas, mas resistir à comichão era uma agonia.

Vindo do pátio, Polly abriu a porta e entrou na cozinha, trazendo uma onda de ar fresco. Tinha as faces coradas e um ar inocente, como se até então estivesse trabalhando duro, fazendo o máximo que se poderia esperar de alguém. Sentou-se à mesa, pegando a faca e a colher, mas deixou-os de lado ao ver que o sr. Hill apoiava o rosto grisalho nas mãos entrelaçadas. Sarah e a sra. Hill também juntaram as mãos, acompanhando-o com murmúrios enquanto ele dava graças. Finda a prece, ouviram-se tinidos e arranhaduras de talheres. A conserva estalou e estremeceu sob a faca da sra. Hill.

“Então, ele está lá em cima, sra. Hill?”, perguntou Sarah.

A sra. Hill nem levantou os olhos. “Hum?”

“O escocês. Ele ainda está lá em cima com as senhoras? Imaginei que a esta hora ele já teria descido.”

A sra. Hill franziu a testa, impaciente, pôs um pedaço da gelatina no prato do marido e outro no de Sarah. “O quê?”

“Ela acha que viu um mascate escocês”, disse Polly.

“Eu vi um escocês.”

“Não viu, não. Você só queria ter visto.”

O sr. Hill ergueu os olhos de seu prato. Eles eram claros e caíram primeiro numa das moças, depois na outra. Agora calada, Sarah, cortou um pedaço da conserva. Considerando que obtivera uma vitória, Polly levantou os olhos com uma risada. O sr. Hill voltou o olhar maldoso para seu prato.

“Ninguém veio a esta casa hoje”, disse a sra. Hill. “A não ser a sra. Long, de manhã.”

“Tive a impressão de ver um homem. Achei que ele vinha pelo caminho.”

“Deve ter sido um dos trabalhadores da fazenda.”

O sr. Hill levou a conserva à boca, avançando e retraindo a mandíbula como uma vaca, a fim de usar melhor os poucos dentes. Sarah tentou não observá-lo. Era uma coisa que ela se via obrigada a fazer a cada refeição: não observar o sr. Hill. Não, quis dizer, não era um dos trabalhadores da fazenda, seria impossível. Ela o *vira*. E *também* o ouvira, assobiando uma melodia tênue e quase inaudível. Não aceitava a ideia de que tivesse sido um daqueles rapazes magricelas e abobalhados ou um dos velhos molengões que ficavam sentados em porteiras, com cachimbos na boca desdentada.

No entanto sabia que era melhor não dizer nada diante do silêncio do sr. Hill, do gênio irritadiço da sra. Hill e do espírito contrariador de Polly. Porém, notando seu desapontamento, a sra. Hill abrandou-se. Estendeu a mão e empurrou uma mecha solta do cabelo de Sarah para dentro da touca.

“Coma seu jantar, meu bem.”

O leve sorriso de Sarah logo se desfez. Cortou um pedacinho do queijo de porco, lambuzou-o de mostarda e raiz-forte, depois passou um pouco de manteiga-negra, físgou um pouco de noz em conserva e, cuidadosamente, levou o conjunto à boca. A coisa era grudenta, gelificada, com partículas de miolos,

filamentos fibrosos de bochechas e fragmentos de inesperados elementos crocantes. Ela engoliu o bocado, ajudando-o a descer com um gole de sua cerveja leve. A única coisa boa daquele dia era que logo ele iria acabar.

Terminado o jantar, ela, Polly e a sra. Hill continuaram sentadas, em silêncio e cansadas, passando de uma para outra o vidro de gordura de ganso. Sarah tirou do vidro um pouco da substância esbranquiçada e amaciou-a entre as pontas dos dedos. Passou a gordura nas mãos machucadas e em seguida flexionou e curvou os dedos. Embora ainda ferida, a pele tornou-se flexível de novo e não rachou.

Para fazer uma gentileza às mulheres, o sr. Hill lavou mal e mal, na área de serviço, os pratos e talheres do jantar. Da cozinha, elas ouviam o barulho da água, sons de atritos e choques. A sra. Hill fez uma expressão de desgosto, preocupada com a louça.

Mais tarde, o sr. B. faria soar a sineta da biblioteca, pedindo uma fatia de bolo para acompanhar seu cálice de madeira, obrigando o sr. Hill a despertar de má vontade e sair se arrastando para levar-lhe o bolo. Cerca de uma hora depois, a sra. Hill iria buscar o prato cheio de migalhas e o cálice, enquanto Sarah tirava a mesa da sala de jantar e descia com os objetos numa bandeja chacoalhante. E com isso o trabalho do dia estaria encerrado. No dia da lavagem de roupa, os pratos do jantar podiam ser lavados no dia seguinte. Também no dia da lavagem de roupa, Sarah não tinha a concentração necessária para ler o último livro que tivesse emprestado do sr. B. Em vez disso, tinha nas mãos um exemplar velho do *Courier*, e lia em voz alta para a sra. Hill notícias de três dias antes. O papel estava mole de tanto ser dobrado e desdobrado, e a tinta manchava suas mãos untadas de gordura. Em voz baixa, para não perturbar a menina adormecida ou o velho sonolento, Sarah lia artigos sobre as novas esperanças

de uma vitória rápida na Espanha e declarações de que Bonaparte fora obrigado a dar um passo atrás e em breve se veria numa roda-viva, frases que a faziam pensar na guerra como uma dança e em generais dando-se as mãos e rodopiando. Foi então que ouviram um barulho.

Sarah parou de ler, o jornal ainda na mão. “A senhora ouviu isso?”

“Hein?”, exclamou a sra. Hill, pestanejando, pois já dormitava. “O que foi?”

“Não sei, um barulho lá fora. Alguma coisa.”

Em seguida, um leve relincho e ruídos de cavalos agitados nas baias.

“Parece que há alguém nos estábulos.”

Sarah pôs o jornal de lado, afastando a menina, que dormia com a cabeça em seu joelho.

“Não é nada”, disse a sra. Hill.

Polly sentou-se, ainda meio adormecida. O sr. Hill resmungou, pestanejou e então levantou-se de repente, enxugando o queixo. “O que foi isso?”

“Eu ouvi alguma coisa.”

Todos prestaram atenção por um momento.

“Podem ser ciganos...”, disse Sarah.

“O que ciganos iriam querer aqui?”, perguntou o sr. Hill.

“Ah, os cavalos.”

“Os ciganos conhecem cavalos e teriam mais juízo.”

Prestaram atenção de novo. Polly encostou a cabeça no ombro de Sarah, os olhos se fechando.

“Não foi nada. Deve ter sido um rato”, disse a sra. Hill. “A Bichana cuida dele.”

“Então, cama”, disse Sarah.

Preparando-se para dormir, Sarah soltava os cadarços do espartilho. O luar se infiltrava sob as cortinas e penetrava pela trama do tecido. De combinação, puxou uma banda da cortina e olhou para o pátio, vendo a lua, imensa e amarela, sobre os estábulos. A noite estava muito clara, quase como se fosse dia. Não se ouvia barulho ou movimento algum na propriedade. Nada de ciganos, com certeza, nem mesmo a corridinha de um rato.

Teria sido o escocês? Estaria querendo passar a noite ali, para ir embora ao raiar do dia, antes que o descobrissem? Agora com a mochila vazia, ele iria procurar um mercado ou uma cidade industrial para se reabastecer. Ah, viver assim devia ser bom. Estar sempre indo de lá para cá, nunca permanecer num lugar um momento mais do que se desejava, perambular por ruelas estreitas e pelas largas avenidas de uma cidade, talvez ir até o mar. Amanhã, quem sabe, ele poderia estar em Stevenage ou até mesmo em Londres.

A aragem fez sua vela escorrer. Sarah apagou-a, puxou de novo a cortina e meteu-se na cama, aconchegando-se ao calor de Polly, já adormecida. Ficou deitada, olhando a janela acortinada. Não pregaria olho naquela noite. Tinha plena certeza disso, não com aquele luar tão claro e sabendo que o mascate poderia estar lá fora. Mas como era jovem e estava de pé, dando duro, desde as quatro e meia da manhã, e agora já soavam as onze horas, Sarah logo ressonava baixinho, perdida no sono.